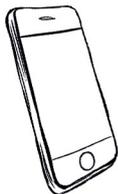
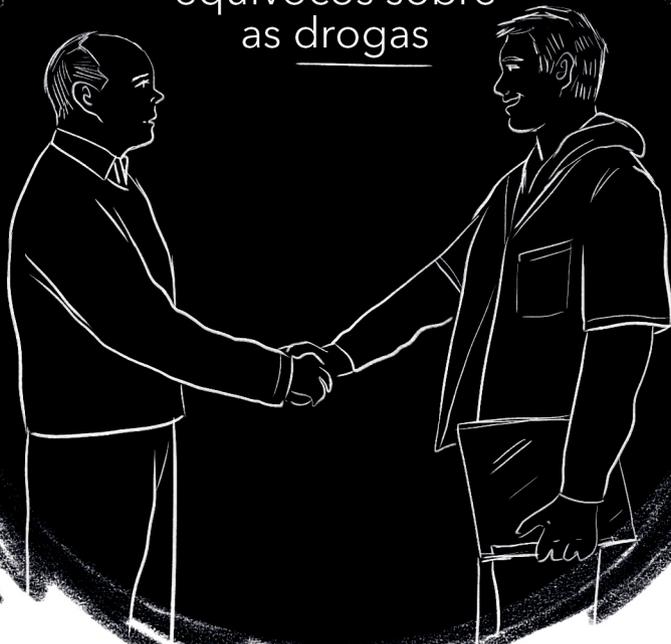


Francisco Coelho

# Disfarces do Medo

Da desinformação aos  
equivocos sobre  
as drogas



LUM  S





© Brazil Publishing Autores e Editores Associados  
Rua Padre Germano Mayer, 407  
Cristo Rei - Curitiba, PR - 80050-270  
+55 (41) 3022-6005



Associação Brasileira de Editores Científicos  
Rua Azaleia, 399 - Edifício 3 Office, 7º Andar, Sala 75  
Botucatu, SP - 18603-550  
+55 (14) 3815-5095



Associação Brasileira de Normas Técnicas  
Av. Treze de Maio, 13, 28º andar  
Centro - RJ - 20031-901  
+55 (21) 3974-2324



Câmara Brasileira do Livro  
Rua Cristiano Viana, 91  
Pinheiros - SP - 05411-000  
+55 (11) 3069-1300

## Comitê Editorial

### Editora-Chefe

Sandra Heck

### Editor-Superintendente

Valdemir Paiva

### Editor-Coordenador

Everson Ciriaco

### Diagramação e Projeto Gráfico

Brenner Silva

### E-book adaptado por

Samuel Hugo

### Arte da Capa e Ilustrações

Paula Zettel

### Revisão Editorial

Clarisse Longhi

### Revisão de Texto

Elen Zózimo

### Consultores técnicos/pedagógicos

Maria de Lourdes da Silva (GPED/UERJ) e  
Vinicius Motta da Costa (SEEDUC/RJ)

DOI: 10.31012/978-65-5861-506-4

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária: Maria Isabel Schiavon Kinasz, CRB9 / 626

C672d

Coelho, Francisco  
Disfarces do medo: da desinformação aos equívocos sobre as drogas /  
Francisco Coelho – 1.ed. - Curitiba: Lumos, 2021.  
[recurso eletrônico]

ISBN 978-65-5861-506-4

1. Literatura brasileira. 2. Ficção. I. Título.

CDD B869.1 (22.ed)

CDU 869.0(81)-1

## 1ª edição – Ano 2021

Não encontrando nossos títulos na rede de livrarias conveniadas  
e informadas em nosso site, contatar a Editora Brazil Publishing:

Tel: (41) 3022-6005

[www.aeditora.com.br/lumos](http://www.aeditora.com.br/lumos)

[livrarias@aeditora.com.br](mailto:livrarias@aeditora.com.br)

Francisco Coelho

**DISFARCES DO MEDO**  
da desinformação aos  
equivocos sobre as drogas



LUMIS

Esta obra é uma ficção.

Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.

*Em certa ocasião, ao ouvir uma  
Canção do Gonzaguinha, pensei:*

*“Eu fico com a pureza da resposta das crianças,  
mas me entorpece a ingenuidade da resposta dos adultos”*

**Francisco Coelho**

# UMA BREVE APRESENTAÇÃO

O medo te seduz.

Ele chega de fininho. Ele não olha para o lado.  
Se instala em sua mente e segura teus pés no chão,  
como se você estivesse preso ao solo por um bloco de concreto.

Eis o medo!

Ele te inibe. E o mais perspicaz de seus disfarces:  
pode te afastar do conhecimento.

E se deixamos de conhecer, nos tornamos receosos  
para conversar sobre alguns assuntos que fazem parte da vida.

O medo faz você ter “medo” de conversar sobre drogas, por exemplo.  
Alguns preferirão evitar o papo. Talvez, como forma de proteção.

Mas, será que o medo, de fato, protege? Ou ele apenas te aterroriza?

Conversar sobre drogas é um ato de cuidado e proteção, que  
nos ajuda a ter compreensão mais ampla sobre o mundo que nos cerca.

Conversar sobre drogas não pode ser visto como apologia.  
Do contrário, é pedagogia!

Talvez o próprio medo tenha medo que você se informe.  
Talvez o medo tenha medo de você e nem você, e nem ele,  
tenham ideia disso. Talvez... talvez... talvez.

Ouse, explore o mundo, mas evite julgar sem buscar  
a origem do conhecimento e bons argumentos para seguir.

O autor

# SUMÁRIO

COMEÇANDO (1) O BATE-PAPO: <b>O TEMPO PASSA, O TEMPO VOA</b>	<b>8</b>
SEGUNDO MOMENTO: <b>LÚCIA JÁ DIZIA...</b>	<b>22</b>
TERCEIRO MOMENTO: <b>'MACONHA, NÃO SE COME, SEU BURRO!</b>	<b>31</b>
QUARTO MOMENTO: <b>MÁ(CONHA) OU BOA(CONHA)?</b>	<b>42</b>
FECHANDO (5) A HISTÓRIA: <b>ENFIM, MEDO OU DESINFORMAÇÃO? QUEM GANHA A 'GUERRA,?</b>	<b>49</b>
<b>SOBRE O AUTOR</b>	<b>57</b>

---

## COMEÇANDO (1) O BATE-PAPO: **O TEMPO PASSA, O TEMPO VOA**

---

Era uma sexta-feira de manhã. Um Sol bacana. Marcos, professor de matemática, trabalhava todos os dias, em dupla jornada. Deixava livre, entretanto, suas sextas-feiras à tarde para emendar seu final de semana, o que seus alunos chamavam de “findi”. Afinal, ele trabalhava a semana inteira ensinando matemática. Minha nossa! Um descanso mais do que merecido, não é mesmo?

Marcos adorava seu trabalho. Sabia como lidar com os adolescentes. Trabalhava há mais de vinte anos com orgulho do que fazia. Enquanto muitos colegas se queixavam sobre os bate-papos paralelos durante as aulas, para Marcos isso era algo típico da adolescência. Óbvio que a disciplina e o respeito ao professor eram importantes, mas ele não via como um problema os momentos de extroversão e as questões polêmicas que os jovens traziam. Aprendeu, com o tempo, a levar vários assuntos do dia a dia para sua aula. Nem sempre os números eram a grande atração.

A forma diferente com que Marcos conduzia suas aulas chegava a chocar alguns professores. Parte destes achava que, na aula de matemática, o mais importante era desenvolver cálculos. Marcos, destoando de alguns, acreditava que cada aluno era diferente e conhecer as dificuldades individuais era um caminho necessário. E tudo isso começava pelo diálogo.

Como diriam alguns alunos, em tom sarcástico, “talvez alguns professores precisassem ter mais aulas com Marcos”.

Marcos costumava dizer que o remédio para a dúvida era a informação. Conversando sem medo é que seria possível conhecer mais sobre as coisas do mundo e tomar decisões sensatas. A felicidade estava justamente aí: no saber decidir sem sofrimento. Para Marcos, era cômico o receio de alguns alunos em perguntar coisas sobre sexo, doenças e o uso de algumas drogas.

Ingenuidade, bravura e curiosidade se entrelaçavam em cada conversa com a turma. E, se tanta ousadia existia, indagava Marcos, por que alguns eram tão envergonhados em conversar sobre tais assuntos?

Em particular naquela turma, a 903, as dúvidas eram frequentes, especialmente sobre o tema drogas. Marcos sabia que ali havia usuários de maconha e tabaco, mas não os confrontava. Em especial, dois ou três alunos daquela sala costumavam fumar uns ou outros no portão da quadra. Por ali, saiam os professores que trabalhavam de carro.

É fato que a maior parte desses condenava e amedrontava os estudantes com discursos severos e punitivos acerca das rodinhas de fumo no portão. Marcos fazia diferente. Levava na esportiva e brincava com os alunos, tentando usar sua técnica do sarcasmo educativo. Em certa ocasião, ele chegou bem de mansinho e, com a cabeça baixa, apresentou-se ao pessoal que fumava no portão:

— Com licença, eu poderia estar roubando, me prostituindo, mas estou aqui humildemente vendendo meus pulmões para

aqueles adolescentes que já não os têm em condições saudáveis. Peço a gentileza dos interessados. Posso vender os dois pelo preço de um.

A garotada caía na gargalhada. Era engraçado ouvir a “lição de moral” de Marcos, sutilmente revestida de um sarcasmo gentil. Havia uma mensagem implícita. Eles sabiam disso. Gostavam da forma que Marcos se preocupava com eles. Era leve, irônica, mas, acima de tudo, acolhedora. E, assim, dentro e fora de sala de aula, Marcos estimulava os jovens a pensar em suas atitudes. Ele os incentivava a conversar uns com os outros sobre suas ações, desejos e sonhos.

Na turma 903, Marcos lecionava dois dias da semana: nas quintas e sextas pela manhã. A viagem era longa. Ele acordava antes das quatro horas e partia às cinco para trabalhar. Bem cedinho, por sinal! Para Marcos, valia a pena pegar o seu carro e encontrar jovens com um futuro tão brilhante. O dilema é que poucos se davam conta disso.

Certo dia, Marcos finalizava a correção de uma atividade com essa turma quando percebeu que uma pessoa acenou pelo vidro da janela. Era um senhor, já com os cabelos bem branquinhos, próximo dos seus 60 anos. Ele fitava a aula de Marcos de longe já fazia uns 20 minutos. Cansado de esperar, sentou-se em um banco em frente da sala de aula. Marcos o observava timidamente, não o deixando notar que o avistara. Interpretando que o senhor não bateu na porta, Marcos seguiu com a correção. Talvez aguardasse algum aluno, já que estava no finalzinho da última aula.

O sinal tocou. “Sextou!”. Assim dizia a turma, eufórica. Descanso cobiçado por todos. Parecia que o sinal tocava sem

parar, como se estivesse alertando que aquele era o último dia da semana. Marcos sentia que o sinal conversava com ele, lembrando-o da cervejinha com os amigos na praia logo mais. Obviamente, sabia que teria que ir para casa antes e deixar o seu carro. Cerveja e direção não combinavam!

Os alunos saíram da sala e Marcos ficou só. Enquanto guardava seus materiais, percebeu que o senhor que estava lá fora chegara à porta, junto com a diretora Cláudia. Marcos deduziu que fosse um avô de aluno ou parente mais próximo, o que foi confirmado por Cláudia.

— Tudo bem, Marcos. Posso te pedir uma gentileza?

Marcos, sorridente, fitou os dois e respondeu que sim.

— Marcos, esse é o Paulo, responsável pelo Gabriel. Ele gostaria de trocar algumas palavras com o professor de ciências. A questão é que hoje não é dia dele. Você poderia atendê-lo brevemente?

Como não haveria mais aula naquela sala, no turno da tarde, Marcos decidiu convidá-lo para entrar e conversar por ali mesmo. Certamente, não haveria qualquer problema em dispensar alguns minutos do seu tempo para aquele responsável.

Direcionando Paulo para cadeira próxima de sua mesa, Marcos perguntou:

— Você é o avô do Gabriel?

Paulo, com um sorriso bem sem graça, respondeu:

— Na realidade eu sou o pai dele. Sei que o cabelinho está branco, mas ainda sou páreo duro. Gabriel é o meu filho mais

novo. Ele tem 14 anos. Tenho outros dois filhos, um de 16 e outro com 30. O mais velho já é casado.

Marcos, respondendo com outro sorrisinho meio besta, tentou disfarçar a gafe e retrucou:

— Bom, nunca é tarde para ser pai, não é mesmo? Mas, o que o trouxe aqui, Paulo? Em que posso ajudá-lo?

— Então professor...

Marcos o interrompeu:

— Pode me chamar de Marcos, se quiser. Sem problemas! Os alunos também me chamam assim.

— Tudo bem, professor. Digo, Marcos.

Marcos notava que Paulo queria ser direto, mas se sentia meio constrangido para começar a conversa. Como se tivesse uma barreira que lhe impedisse de falar o motivo de sua ida à escola. Talvez a sua idade ou o medo de parecer ignorante...

— Há alguma coisa acontecendo com o Gabriel? — perguntou Marcos, tentando romper o receio de Paulo para começar a conversa. — Ele me parece um aluno bem dedicado. Ele também se comporta assim em casa?

Paulo respondeu:

— Sim. Ele é um ótimo filho. A questão não é com ele, mas, de alguma forma... comigo.

— Mas, como assim com o senhor? — perguntou Marcos.

Com as mãos escondidas entre as pernas, o corpo daquele pai revelava uma estranheza em estar ali. Havia um cenário de desconforto, um medo de dar seguimento ao diálogo. É como se a timidez de Paulo formasse uma bolha invisível ao seu redor. Notando essa dificuldade, Marcos tentou confortá-lo:

— Paulo, fique tranquilo! Aqui você pode perguntar o que desejar. Eu não estou aqui para julgá-lo e sim ajudá-lo.

— Obrigado professor... digo, Marcos. É que eu já estudei faz muito tempo e não terminei o ensino médio. Faz um tempinho que não sentava numa cadeira como essa. Nossa! Como o tempo passou!

— E qual o problema nisso? A escola está sempre aberta para todos os “responsáveis”, inclusive para os “irresponsáveis” — brincou, tentando deixar o ambiente mais leve.

Paulo, um pouco menos envergonhado, completou:

— Você pode estranhar um velho vir aqui logo no finalzinho da aula e em plena sexta-feira, né? Mas, só consegui vir hoje por conta do trabalho. Queria conversar com um professor que conheça o Gabriel.

Marcos lembrou que, quando a diretora apresentou o pai do Gabriel, ela havia falado que ele buscara o professor de ciências. Deduziu, então, que a visita fosse para conversar sobre algo sua saúde, namorico, masturbação, sexo ou algo do tipo.

— O que você quer conversar comigo é sobre ciências ou algo a ver com isso, Paulo? Porque a Cláudia disse que você buscava o professor dessa matéria. Não é mesmo? Se eu puder ajudar, estamos aí para o que der e vier.

— Eu pensei que fosse melhor falar com um professor de ciências porque estou com dúvidas sobre uma coisa. Mas a Cláudia falou que apenas os professores de história e matemática da 903 estavam aqui hoje. E lembrei que o Gabriel fala bastante de você com o outro irmão, o do meio.

Marcos lembrava bem de Gabriel. Menino pacato, questionador. Queria sempre saber o porquê das coisas. Marcos até identificou uma certa semelhança com o seu pai: o nariz. O nariz era igualzinho. Minha nossa! Era um nariz afilado, pontudo, imponente. Era o nariz de uma pessoa séria. Não era um nariz qualquer. Não havia dúvidas de que aquele senhor era o pai do Gabriel.

— Sim, professor, digo, Marcos. Por isso achei interessante vir conversar com você.

— Pois diga! Estamos aqui!

— Tem acontecido algo que me deixa com dúvidas. Como o Gabriel fala que você conversa “de tudo” com eles, talvez você possa saber algumas coisas para me dar uma orientação. Eu queria saber mais sobre esse negócio de... de... dro... gas.

Marcos percebeu que, ao pronunciar a palavra “drogas”, ele o fez de forma bastante tímida. Como se estivesse soletrando a palavra. A palavra foi dividida em DUAS sílabas: dro... gas. Ele fez biquinho e tudo para falar. Parecia um francês. Foi dita de forma tão baixa que Marcos só a entendeu traçando a leitura labial.

Paulo preferia conversar com um cara das “Ciências”. E, embora isso tenha ficado claro, Marcos imaginou que esse diálogo poderia ser uma forma de desconstruir a ideia de que

temas associados com a saúde e com a qualidade de vida só pudessem ser falados com esses profissionais. Afinal, pensava ele, lidamos com as drogas praticamente todos os dias, da cafeína dos alimentos aos medicamentos.

Tentando driblar sua própria timidez, embora se achasse bem extrovertido, pensou momentaneamente: por que outros profissionais da escola não são vistos como pessoas capazes de conversar sobre o assunto? Por que, em muitas ocasiões, não são autorizados a conversar sobre assuntos relacionados com o corpo, com a mente, com o prazer?

Marcos chegou a lembrar de um conselho de classe em que uma professora de ciências acusou um aluno de estar chapado logo cedo na escola. O menino estava com os olhos vermelhos e sonolento. E isso foi um furdunço. Marcos defendia o moleque e dizia que ele trabalhava com o pai na barraca de lanches. Eram dez contra um. Marcos teve voto vencido e o menino foi taxado como maconheiro. Até que a diretora esclareceu que o menino trabalhava com os pais e... pronto! Todos ficaram com a cara no chão! Aqueles olhos vermelhos, exaustos, tinham um motivo.

De fato, se fosse algo relacionado ao nome científico de um inseto, o ciclo de vida de um parasita ou o medicamento usado para uma infecção, ele poderia não ter as respostas que o pai precisava. Contudo, ele poderia se informar e até conversar com outros professores sobre o assunto. Não custava saber o que era. Esse era o desafio! E como Marcos adorava um desafio, partiu para o jogo:

— Paulo, me diga o que você quer saber e eu posso te dizer o que sei e te orientar a quem procurar, caso não consiga ajudar. Não é melhor assim?

Essa fala de Marcos parece ter deixado Paulo mais relaxado, o que fez com ele começasse a se pronunciar:

— Marcos, eu tenho mais de 60 anos. Fui muito duro na formação do meu primeiro filho e não queria cometer os mesmos erros com o Gabriel e com o irmão dele, que são adolescentes. Entende?

— Sim, compreendo. E concordo. Hoje temos outra forma de educar. Antes se educava praticamente na escola e dentro de casa. Atualmente, nessa geração, vivemos em uma sociedade digital, uma era de informação em tempo real, em que a internet e as mídias digitais influenciam bastante na educação das crianças e dos jovens. Eles aprendem com essas ferramentas. Por isso, é importante estar atento.

Entusiasmado com a fala de Marcos, Paulo seguiu:

— Exatamente! Por isso estou aqui, Marcos.

— Ok. Mas o que sua vinda aqui e suas dúvidas têm a ver com drogas?

Paulo, tentando contar a história, tentando contar o problema com calma, disse:

— O Gabriel tem dois colegas maconheiros... — disse num sussurro prolongado. — São “gente fina”, mas são assim, desse jeito, sabe? E eu não quero que ele ande com eles. Entende? Sei lá... ele pode querer usar maconha também e isso será um problema. Mas, também não quero parecer preconceituoso e ser injusto com ele. Me entende?

Marcos sacou o motivo da visita. Chegou a pensar em como Gabriel, um aluno tão “cabeça”, inteligente, poderia ter

um pai assim, meio “cabeça dura”. A questão não era essencialmente técnica. Era muito mais pedagógica, de convivência. Paulo sussurrou a palavra “ma... co... nheiro” da mesma forma que fez com a palavra “dro... gas”. Parecia que ele pronunciava o nome do capeta.

— Paulo, vamos lá! Primeiro, Gabriel tem dois colegas “gente fina”, como você mesmo diz. Ok? Logo, se eles são “gente fina”, me parece que você aceita a amizade deles. Estou certo?

— Sim, são garotos estudiosos e bons filhos também, mas sei que vão para a casa de outros colegas usar maconha, no finalzinho da tarde. Já me disseram isso e até me aconselharam para eu proibir o Gabriel de sair com eles. Tem gente que até fica maluca depois que fuma maconha. Por isso esse pessoal maconheiro é complicado, não concorda?

— Não! Não concordo!

Paulo olhou com os olhos arregalados para o professor e ficou um pouco confuso. Achou que Marcos fosse concordar com sua fala de que todo maconheiro era complicado. E, por um momento, ficou sem palavras. Como se estivesse um pouco perdido, esperava uma concordância. Foi quando, Marcos, interrompendo o silêncio, respondeu:

— Paulo, pense comigo: uma coisa é um jovem usar maconha, outra é a pessoa não ser uma boa companhia e ser complicada. O que uma coisa tem a ver com a outra? Por que você pensa isso?

Aproveitando a reflexão que sugeriu a Paulo, Marcos complementou:

— Pelo o que você me disse, você não quer ser “preconceituoso” e nem “injusto” com o Gabriel, não é mesmo? Mas, perceba as suas palavras! Quando você associa que um menino de 14, 15 anos, que é um bom aluno e um bom filho, deixará de ser uma boa companhia... será que você não está reproduzindo um preconceito? E será que esse preconceito não fará você agir de forma injusta com o Gabriel?

Paulo, analisando os argumentos de Marcos, olhou o professor nos olhos e ponderou:

— Não tinha pensado dessa forma. É que as pessoas falam tanto que maconha mata, que as pessoas que fumam muito ficam meio malucas. Fiquei perturbado com isso.

Marcos, percebendo a insegurança de Paulo, indagou:

— De onde vêm essas ideias Paulo? Já parou para pensar? Esses mitos e preconceitos não fazem com que julguemos de forma errada as pessoas? Note o que você mesmo está fazendo. Ao mesmo tempo que você reconhece os colegas de seu filho como pessoas bacanas, você os classifica como “maus colegas” por terem um hábito. Consegue perceber essa contradição?

Marcos propôs, em cima dessas, outra questão:

— E outra... quem disse que a maconha mata? De onde vem essa sua informação?

Marcos, tentando quebrar uma possível ideia de apologia ao consumo, preocupou-se em suavizar a conversa, completando:

— Obviamente existem pessoas que fazem uso abusivo de várias drogas. E isso vai desde o álcool aos medicamentos. Tem gente que consome bebidas alcoólicas e depois dirige. Em alguns casos, podem acontecer acidentes que “matam” pessoas. Mas há aqueles que bebem e sabem que não é adequado dirigir. Concorda? Com a maconha, não é muito diferente. Há quem use de forma mais regulada, quem abuse e até quem não use. Por que associar que toda a pessoa próxima de alguém que usa maconha fará uso dela?

Pelos olhares de Paulo, Marcos reconheceu o real medo daquele pai: de que seu filho passasse a usar maconha com os colegas e isso atrapalhasse seus estudos e seus projetos de vida. Esse medo, um tanto alarmista, refletia nos olhos de Paulo. Marcos indagou:

— Paulo, você acha que se você proibir seu filho de andar com os colegas “gente fina” dele, você vai evitar que o seu filho use alguma coisa? Seja franco consigo mesmo!

— Não. Acho que se ele quiser, ele vai usar, até escondido, como alguns adolescentes fazem.

— Então... a questão é: será que proibir fará com que o seu filho não tenha experiência com a droga? Você conhece ou já ouviu falar em alguém que usa ou já usou maconha e ficou “maluca”?

Marcos, tentando ser crítico consigo mesmo, pensou que talvez aquele pai pudesse o achar muito liberal. Isso poderia gerar uma má impressão. Afinal, da mesma forma que um responsável admira um professor e o elogia nos quatro cantos da escola, se não gostar também... ferrou! Assim, Marcos, tentando ser mais acolhedor, acrescentou:

— Paulo, eu não posso dizer o que você deve ou não fazer. Você é o pai. Eu posso sugerir, oferecer questões para você refletir e ver até que ponto proibir uma pessoa de fazer alguma coisa ou de ter contato com alguém seja a solução mais adequada. Eu não seguiria esse caminho, mas é você quem deve decidir. Sentar e conversar com o Gabriel não seria uma boa alternativa? Você já experimentou ver o que ele pensa sobre esse assunto e sobre sua proposta?

Paulo, direcionando o olhar para o livro de matemática em cima da mesa de Marcos, pensava em como um professor de matemática, que dominava os números, poderia trazer para a escola tantas questões humanas. Eram questões que tinham a ver com a forma de pensar o outro e refletir sobre a própria vida. Eram pensamentos de solidariedade e compreensão. Não eram sobre números apenas.

Naquele momento, Paulo começou a refletir sobre a infância de seu primeiro filho e em como poderia ter sido menos rígido. Embora julgasse ser um bom pai de família, nunca havia pensado em conversar com seus filhos e entender o que se passava em suas cabeças. Naquela época, enxergava isso como uma fraqueza. Mas, hoje, pensar em um diálogo aberto com seus filhos poderia ser uma oportunidade de conhecê-los melhor.

Marcos olhou para o relógio, disfarçando, e percebeu que já havia se passado uma hora. Sentia-se, contudo, satisfeito. Estava sendo um final de expediente diferente. Percebeu como alguns pais se alienam e, na busca de proteger, acabam sendo repressores e reproduzindo preconceitos e estigmas sociais com as próprias pessoas que amam.

— Seria o medo a grande causa de todo esse comportamento controlador dos pais? — analisou Marcos, com seus botões.

Pensando nesse comportamento de amor e controle, Marcos ficou intrigado com o gesto de Paulo. Ainda que enraizado de preconceitos e equívocos, Marcos identificou coragem no gesto daquele pai. Pensou na coragem de Paulo em buscar orientações para não ser injusto com seus filhos e indagou a si mesmo sobre o porquê de outros responsáveis não fazerem o mesmo. Embalado nesses pensamentos, Marcos lembrou do medo que tinha de ir à escola em ocasiões de sua adolescência.



---

SEGUNDO  
MOMENTO:  
**LÚCIA JÁ DIZIA...**

---

Enquanto conversava com Paulo, veio à mente de Marcos lembranças de seu tempo de adolescência. Marcos se lembrou do tempo que cursava o ensino fundamental, a mesma série de Gabriel. Lembrou dos momentos alegres e das conversas que tinha com alguns professores, especialmente com Lúcia. Marcos começou a falar com Paulo sobre Lúcia. Vira e mexe ele lembrava dessa professora.

Lúcia tinha seus quarenta anos, na época. Era solteira e adorava encher a cara. Ela era a verdadeira boêmia, adorava uma cervejinha com os amigos. E isso não era novidade. Lúcia bebia, mas não saía bêbada por aí. Achava isso horrível. Ela contava praticamente o seu final de semana todo para os alunos. Ou Lúcia era bastante porra-louca ou era bastante criativa. Vá saber! De toda forma, Lúcia sabia contar uma boa história. De todos os professores, ela era a mais divertida e, diga-se de passagem, inusitada.

Lúcia deu aula para Marcos durante todo o ensino fundamental. Depois disso, Marcos foi para outra escola. Daquele tempo até hoje, as escolas municipais não costumam oferecer o ensino médio, o antigo segundo grau. Não era apenas da escola que Marcos sentia falta. Era também do diálogo caloroso com Lúcia. Sentia falta de poder falar o que desejasse, sem ser reprimido ou — gíria da época — sem “tomar um esporro”.

Em certa ocasião, Marcos, com quase 14 anos, tomou seu primeiro porre, obviamente escondido dos pais. Isso aconteceu num domingo a noite, em uma festinha na casa de um dos amigos do seu primo mais novo, Guilherme. Marcos já foi com a intenção de beber. Sabia, no entanto, que se voltasse para a casa passando mal, levaria uma surra. Seu pai não gostava muito de conversa. Escreveu, não leu... o pau comeu!

Marcos misturou cerveja, vinho, cachaça, tudo a que tinha direito. E não é difícil prever como ele voltou para casa, não é mesmo? Cha-pa-do! Voltou caminhando, sendo segurado pelo Guilherme. Marcos parecia um fantoche. Se Guilherme o soltasse, ele cairia tranquilamente no chão. Guilherme foi mais safo. Tinha medo de passar mal, então, ficou só no vinho. E seguiu o exemplo de seu pai: para cada taça de vinho, dois copos de água. Assim, os três copos de vinho que tomou ao longo da festa, não o deixaram embriagado, como o seu primo.

Marcos estava tão bêbado, que Guilherme achou melhor levá-lo para sua casa e não a dele. Isso evitaria mais transtornos para seu primo. Ele sabia que o Marcos teria aula cedo e não poderia faltar. Se isso acontecesse, o problema seria dobrado. Então, resolveu ligar para seus tios e dizer que Marcos ficaria em sua casa e que iria direto para a escola no dia seguinte. Como estudavam no mesmo lugar, Guilherme poderia emprestar um de seus uniformes para seu primo “bebum”. Marcos roncou tanto, que parecia uma onça pintada atacando uma presa.

Na manhã seguinte, Marcos acordou um caco. Uma dor de cabeça que latejava, não conseguia nem abrir os olhos direito. Chegou a cogitar nem ir à escola, mas, já pelas 6 da

manhã, sua mãe havia ligado para a sua tia, para lembrar da aula. Marcação cerrada. Se ele não fosse para a aula, isso daria uma treta maligna.

A primeira aula da segunda-feira era de Lúcia. Ele estaria ferrado! Lúcia era bem esporrenta. Falava alto, sacaneava os alunos e levava tudo na esportiva. Sabia, entretanto, fazer gozações, sem ser ofensiva. Queria ser divertida, deixar a aula mais animada. E, de fato, conseguia. Se não conseguisse também, a aula teria sido um saco. Afinal, como professora de português, só as piadas salvavam. As aulas sobre objeto direto, objeto indireto e predicado em plena segunda-feira pela manhã seriam bem mais tensas sem o seu modo irônico de ser.

Marcos sabia que Lúcia, naquele dia, arranjaria um jeito de fazer uma chacota com ele. E Lúcia perderia essa oportunidade? Ela era uma excelente professora, mas não perdia uma chance de brincar. E ele sabia que seria a bola da vez com aquela ressaca que não o deixava abrir direito os olhos. Ele já esperava por isso. Mas também, quem mandou dar mole e encher a cara, misturando tudo o quanto era bebida? Sequer bebeu água para se hidratara e reduzir a embriaguez. Conselhos de seu primo Guilherme não faltaram. Não era de se estranhar que Marcos, naquela idade, estava certo de que conselho bom não se dava, se vendia.

Conversando com Paulo, Marcos lembrava fixamente de Lúcia. Lembrava com carinho e achando graça dos momentos daquela época. Não apenas dela, mas das coisas que ela dizia. Lembrou de como Lúcia os orientava a agirem com responsabilidade, conhecendo antes a si mesmos. Lúcia frequentemente perguntava para a classe:

— Por que vocês pensam assim? Vocês só vão conseguir tomar uma decisão adequada se, de fato, entenderem o contexto dos seus problemas e qual a raiz deles. Se vocês não compreendem seus problemas, terão medo. E com medo, ou as pessoas ficam estateladas, ou fogem. Não deixem que os adultos digam que os adolescentes enrolam, enrolam e fogem da responsabilidade. Vocês não são assim! Não permitam que os jovens sejam vistos apenas como pessoas que fazem besteiras.

Marcos pensou nessas palavras e, especificamente, naquele episódio da ressaca. Lembrou de como estava mal-humorado e enjoado naquela manhã de segunda-feira e comentou com Paulo:

— A coisa foi tão feia, que acabei dormindo na casa do meu primo Guilherme, com medo de ir para casa. Sabia que ao chegar em casa, seria bombardeado com perguntas e ofensas. Seria chamado de vagabundo para baixo. Era desconfortante conversar com meus pais. Por isso, preferi nem ir para casa naquele dia e fui direto para a escola na segunda. Estar em um ambiente onde somos ouvidos faz toda a diferença.

Paulo, atento as palavras de Marcos, perguntou:

— Mas você já havia bebido antes?

— Acredite ou não, foi o primeiro e único porre que eu tomei. Não era tão fácil conseguir comprar bebida alcoólica. A regulação era grande. Embora ela ainda exista, hoje em dia os jovens têm mais facilidade de consumir álcool. A questão é: proibir vai fazer com que os jovens não experimentem? Na minha época, não. E, sabemos que, atualmente, também não. Por isso, é bacana conversar sempre com eles sobre isso. E era exatamente esse tipo de papo que Lúcia tinha conosco.

Enquanto conversava com Paulo, lembrou que naquele dia Lúcia continuaria uma aula sobre regência verbal. Nossa, que tema estressante! Ela ensinava aquele lance de objeto direto e indireto, e Marcos, via tudo torto. Sua cabeça girava. Parecia que tinha labirintite. Mas, mesmo com a cabeça girando, lembrou de trechos da aula e dos risinhos sarcásticos de Lúcia:

— Então pessoal... notem que, para toda a ação, temos uma reação. E por isso, temos um cérebro, capaz de pensar e decidir. Concordam? Analisemos essas frases: Marcos bebeu cerveja. Quem bebe, bebe alguma coisa. Logo, cerveja é o objeto direto do verbo beber. Portanto, o verbo beber, nesse caso, é um verbo transitivo direto. Pede um complemento. Concordam?

Marcos sabia que Lúcia não ia dar colher de chá. Ela adorava uma gozação. Ele foi o exemplo das sentenças. Lúcia ensinava sobre o objeto direto, com um risinho no canto do rosto, como se estivesse alfinetando Marcos. E completou com outro exemplo:

— Gente, da mesma forma que Marcos bebeu cerveja, ele poderia ter bebido suco, água, tequila. Mas, não! Marcos resolveu beber cerveja. E não bebeu devagarzinho. Bebeu de uma vez e sem se hidratar. Logo, não é de se admirar que agora esteja passando mal na aula de português, a melhor aula que vocês têm na escola.

Marcos lembrava desse episódio com alegria. Embora passasse mal, lembrava de como Lúcia fazia os maiores dos problemas se tornarem divertidos. Ele contou para Paulo que além de dar exemplos só com o seu nome durante toda a aula, Lúcia ainda lhe deu — carinhosamente — uma bolsada antes de sair e, partindo da sala de aula, sorrindo e piscando o olho, disse:

— Se não “sabe” beber, não beba!

Relembrando a história, Paulo e Marcos riram e perceberam como a escola pode conversar sobre temas delicados de uma forma menos opressora, sem ficar meramente dando lição de moral. Levar na esportiva e de forma divertida, pode contagiar os alunos e deixá-los desinibidos para conversar sobre vários temas tabus, como é o assunto drogas. De alguma forma, as brincadeiras e o jeito irreverente de ensinar de Lúcia contagiou Marcos.

Rindo da história contada por Marcos, Paulo perguntou, maliciosamente:

— Mas a bolsada da professora doeu?

Marcos, rindo com ironia, respondeu:

— Paulo, bolsada com amor não dói.

Marcos e Paulo se divertiam com a conversa. E, nesse bate-papo, Paulo estava convicto de que um bom caminho para se educar uma pessoa é a partir do estímulo à reflexão. De fato, ele já sabia disso. Era um pai preocupado e assíduo com suas obrigações escolares. O que lhe perturbava era o medo de errar com seus filhos e ser o responsável pelas escolhas inadequadas, não conseguindo evitar que seus filhos consumissem algum tipo de substância por influência dos amigos. Nesse pensamento, Paulo comentou:

— Que bom se, nós pais, pudéssemos ter o controle de como proteger nossos filhos e evitar que se tornem dependentes de alguma droga. Evitar que sigam um caminho inadequado e que façam mal a seu bem-estar. Bom conhecer professores como

ocê, que se preocupam com os nossos jovens e trazem essas conversas para a sala de aula.

Marcos, tentando entender a preocupação de Paulo, questionou:

— Será que temos o controle de tudo, Paulo? Será que esse excesso de preocupação não facilita que as pessoas adoeçam? A grande questão não é o consumo de drogas, mas sim o abuso que as pessoas fazem dela. É o abuso que pode levar a uma dependência. São as práticas excessivas!

Ouvindo Marcos, Paulo pensou nas experiências que teve na juventude e sobre como é importante que os jovens conheçam não apenas o seu corpo, como também suas mentes. Ter projetos de vida, ter planos para o futuro, isso tudo nos engrandece. Pensou na educação mais rígida que deu a seu filho mais velho e se isso funcionaria para essa atual geração de jovens. Foi quando reconheceu:

— O mais difícil é lidar com esse sentimento de não termos o controle sobre nossos filhos.

Buscando entender a angústia de Marcos, Paulo disse:

— Antes a ideia de aprender estava restrita à família e à escola. Hoje não. O Facebook, o WhatsApp, o YouTube e vários outros canais, de uma forma ou de outra, são canais educativos. Nós e os adolescentes recebemos informações de todos os lados. E qual informação nos fará bem ou mal? Será que isso é possível prever? Será que é possível controlar?

— Controlar não sei — disse Paulo. — Talvez, prever.

— Será Paulo? Não podemos esquecer que os jovens não têm o mesmo corpo e o que funciona bem para um pode não funcionar para o outro. A mente de cada um é uma caixinha de surpresas. Cada um é um ser único, com emoções, fragilidades, necessidades. Isso tudo muda de uma pessoa para a outra. Concorda?

Concordando com a cabeça, o pai do Gabriel comentou sobre como seria importante que os jovens tivessem informações adequadas e momentos para conversar sobre o assunto, complementando:

— Não apenas os jovens, Paulo, mas também os pais, ainda que em momentos separados. As informações chegam às famílias, aos jovens. Mas quais delas são adequadas? Quais, de fato, sensibilizam os jovens para terem cuidado e evitarem agressões à saúde?

Nesse momento, passou pela cabeça de Paulo o poder das *fake news* (notícias falsas) e como isso aumenta a angústia dos pais. Estes são bombardeados com informações equivocadas e alarmistas, que muito mais aterrorizam. Depois de duas horas de conversa com Marcos, na cabeça de Paulo apitavam várias questões: será que a escola tem a internet como aliada ou como uma opositora na educação dos jovens? Seria possível “prevenir” os estudantes sobre os efeitos devastadores do uso dos celulares e aplicativos na vida dessa garotada?



---

TERCEIRO MOMENTO:  
**'MACONHA, NÃO SE COME,  
SEU BURRO!**

---

Conversando com Marcos, Paulo lhe contou uma situação inusitada. Disse que estava tomando uma cerveja e jogando sinuca com o amigo Valdo, no bar. Ao longo da rodada de sinuca, Valdo comentou, em voz alta, que seu filho de 18 anos comeu maconha, numa festa com amigos, e havia passado mal depois disso.

De imediato, uma voz surgiu do balcão do bar, sussurrando em tom audível:

— “Maconha” não se come, seu burro!

Valdo e Paulo ficaram revoltados e, ao mesmo tempo, curiosos. Primeiro, estavam em uma conversa particular; segundo, por que o xingamento?; e, terceiro, quem era o “especialista” desconhecido que sabia tudo de maconha?

O fato é que a frase não teve um dono. Afinal, como dizem, filho feio não tem pai. Nesse caso, foi a frase feia sem pai. Ninguém se manifestou. Talvez a pessoa não quisesse arrumar confusão. Mas será que ela fazia sentido? De fato, a maconha não se come? Foi justamente o que passou na cabeça de Paulo. Pelo que ele sabia, a maconha, assim como o cigarro, é fumada. Paulo estava convicto disso. A vida inteira sempre soube que se usava maconha por meio do baseado.

Ao ouvir a história de Paulo, Marcos não conteve os risos. E perguntou:

— Você já ouviu falar em rapé ou em pessoas que mascam a folha de tabaco, Paulo?

— Sim, rapé até eu já cheirei. Mas nunca ouvi falar em pessoas que comem folhas de tabaco.

— Então... eu não disse “comer” a folha do tabaco. Eu disse “mascar”. Assim como o tabaco pode ser fumado, na forma de cigarro, cheirado, na forma de rapé, e mascado, a maconha também pode ser consumida de outras formas sem ser fumada no baseado.

Paulo, curioso, perguntou:

— Não sabia! Então as pessoas mastigam maconha e aspiram também como o rapé?

— Bom, com o rapé não sei te dizer. Mas podem mascar, fumar e até comer ou beber. Em culturas de interior, já ouvi falar que muitos tinham um pezinho de maconha em casa. Tem até outros nomes para a planta: diamba, liamba. Mas, nesse caso, elas não usavam para fazer baseado como faz a geração atual. Essa maconha era mais usada para fazer chazinhos. Também era usada para a pessoa reduzir a ansiedade e a agonia, a fraqueza, a insônia etc. Nunca ouviu falar disso?

— Rapaz, nunca ouvi falar. E olha que a minha avó conhecia muito de plantas e de chás. Mas eu não me lembro disso.

Em princípio, Paulo achou que fosse brincadeira de Marcos. Mas, ao longo da conversa percebeu que não. De fato, a maconha poderia ser usada de outras formas que ele não co-

nhecia. Quer dizer, há diferentes práticas de uso da maconha, algumas bem antigas, inclusive. Saber disso o deixou bastante curioso. Paulo percebeu que lhe faltavam informações sobre a maconha e intencionou saber mais coisas. Afinal, essa era sua preocupação inicial em conversar, em ir à escola: conhecer mais sobre o assunto para conversar com seus filhos.

Paulo, ainda intrigado com o lance das pessoas comerem maconha, retrucou:

— Caramba, eu não sabia que maconha poderia ser comida. Nesse caso, na forma de salada ou algo assim?

Marcos viu que Paulo estava bem curioso com o assunto. E, parecia se comportar como seus alunos quando ele levava o tema para a sala de aula. Era como se aquele homem de 60 anos houvesse incorporado um adolescente curioso. Marcos gostou disso. Percebeu que Paulo estava mais sensível a conhecer sobre o assunto. Viu que Paulo estava refletindo sobre coisas que nunca havia pensado. Essa era a grande importância de falar sobre drogas na escola: se informar para evitar julgar, com base no que não se conhece.

— Bem, pelo que conheço, as pessoas não costumam mastigar e engolir a folha da maconha. Não me parece apetitosa. Na realidade, as pessoas aquecem a maconha, prensada ou não, e tiram dela um óleo. Por exemplo, colocam um pouco de manteiga ou outra gordura e as substâncias da maconha vão passar para esse óleo, que vai estar com os outros óleos naturais da planta. Entende? Aí esse óleo vai seu usado para fazer um bolo, um brigadeiro e até omelete. Algumas pessoas fazem pratos diferentes com a maconha.

— Ué, então vai ter o mesmo efeito se pessoa fumar ou cheirar?

— Boa questão, Paulo. A maconha não se costuma cheirar como o rapé, vindo do tabaco, ou como a cocaína, vinda da folha da coca. No caso da maconha, se a pessoa fuma enrolando o baseado ou no cachimbo, ela supostamente sentirá os efeitos mais rapidamente e depois eles reduzem aos poucos. Já se a pessoa come algum produto com maconha, como um brigadeiro ou um bolinho, vai demorar mais para fazer efeito, mas ele durará mais tempo. Se a pessoa comer, os efeitos demoram mais para serem sentidos, mas podem durar em torno de 12 horas. Curioso, não?

— Nossa! Então se a pessoa comer algo com maconha ela fica bem mais tempo no corpo, né? E isso acontece por quê, Marcos? Sabe dizer?

— Quando se fuma a maconha, a droga que está na planta vai direto para os pulmões e depois para o sangue. Isso ocorre bem rapidinho! Assim, a droga chega no cérebro em questão de segundos. Já quando a pessoa come, leva mais tempo porque tem que passar por todo o processo de digestão, que não é rápido. Depois de toda essa digestão, as drogas vão para o sangue e depois chegam no cérebro.

Intrigado com a história dos produtos comestíveis de maconha, Paulo perguntou:

— Quer dizer que, nas bocas de fumo, eles vendem tanto maconha do tipo baseado como bolos e brigadeiros? Tem comércio dessas coisas?

Marcos, achando cômico o interesse de Paulo sobre os produtos de maconha, explicou:

— Não, Paulo. Todo o comércio de maconha do Brasil é clandestino. Até porque a maconha não é um produto legal, embora alguns derivados da maconha tenham sido regulamentados para uso medicinal.

Aproveitando a fala de Marcos, Paulo acrescentou:

- Por isso que a pessoas fumam em lugares escondido.
- Sim. Embora a lei não puna o uso propriamente dito, ela pune o tráfico. Então, as pessoas evitam andar com quantidades que possam ser confundidas com o tráfico. Faz sentido, não faz? Além do mais, respondendo a sua dúvida, as bocas de fumo não costumam vender alimentos com maconha. As pessoas compram a maconha nas bocas de fumo ou com outras pessoas que plantam em casa ou, ainda, importam clandestinamente. Se extrai muita coisa da planta. Há quem faça bolos e doces e venda, principalmente em festas. Mas, tudo ocorre fora do panorama da legalidade. Afinal, o seu uso é “teoricamente” proibido.
- Faz sentido — Paulo comentou. — Se houvesse uma placa na porta dizendo “vende-se brigadeiro de maconha”, a pessoa teria um baita problema com a polícia, não é mesmo?
- Pelo menos aqui no Brasil, Sim, Paulo. Mas para os holandeses e uruguaios, há certo apreço por um tipo de bolinho, chamado de brownie, recheado com a maconha.
- Hum... os turistas devem provar bastante isso, né?
- Alguns provam. Mas todo o cuidado é pouco. Nem todo o país que tem a maconha legalizada permite que o turista a utilize. Por exemplo, no Uruguai um turista pode se dar mal se for pego usando maconha nas ruas. Na Holanda, para você ter

ideia, alguns turistas brasileiros já passaram maus bocados por comer esses produtos em grandes quantidades.

— Alguns abusam, não é? — exclamou Paulo.

— Sim. O exagero, o abuso, acaba sendo o grande complicador. Mas, ainda que uma pessoa experimente alguma substância, vale lembrar que se trata de uma coisa nova no corpo. E você nunca sabe se isso fará mal ou não. Depende do seu organismo e de como você vai lidar com a droga. Praticamente é impossível impedir que as pessoas experimentem drogas. Experimentar faz parte da humanidade. Mas, quando não se conhece com propriedade uma substância, é importante ter cautela. Por isso, ser esclarecido é fundamental, para descobrir o que se pode fazer, conhecer nossos limites, e até mesmo saber quando evitar uma situação de maior risco.

Paulo franziu a testa e pensou em como seria estar chapado em um país distante, como a Holanda. Com um sorriso maroto no canto da boca, perguntou:

— Imagine, Marcos. Você indo para a Holanda e comendo um bolinho de maconha e depois não sabendo para onde te levam. Sinistro, não? Vai que uma pessoa seja sequestrada ou fique perdida em outro país.

— Não se preocupe, Paulo. Desse mal eu espero não padecer. Regra número um para viajar para fora do Brasil: estar lúcido! No máximo, uma cervejinha ou um vinho, e o suficiente para manter a minha lucidez, ainda mais em um país com uma língua diferente. Meu inglês já não é lá essas coisas. Você imagina chapado. Tô fora! Hehehe.

Paulo, refletindo no que Marcos havia comentado, perguntou:

— Você dizendo isso, me passa na cabeça o cuidado que as pessoas devem ter ao consumir a maconha e outras drogas, principalmente das bocas de fumo. Não é, Marcos?

— Boa, Paulo! Como o seu uso no Brasil é clandestino e não há uma regulação legal, as formas de transportar, prensar a maconha acabam não sendo as mais adequadas. Não há controle. E, com isso, as pessoas podem consumir produtos contaminados, adulterados e, de baixa qualidade. Por vezes, esse risco de se contaminar com a droga mal armazenada acaba sendo até mais nocivo.

Aproveitando a deixa, Paulo brincou com Marcos:

— Já ouvi falar que até bosta de cavalo é misturada na maconha. Isso é verdade?

— Quem sabe? De fato, muitos aditivos são colocados. A maconha, a planta propriamente dita, às vezes existe em menor quantidade. Nesses casos, o produto fica úmido e acaba sendo um meio para bactérias e fungos se desenvolverem. Em certa ocasião, conversava com uma perita em drogas e ela me disse que algumas bocas de fumo adicionavam ervas aromáticas na maconha, para dar um aroma diferente.

— Como assim, Marcos?

— Simples: traficantes de grandes capitais já chegaram a fazer isso como estratégia para atrair novos consumidores. Lembro de uma reportagem, há uns meses, que comentava como a hortelã e outras plantas perfumadas eram adicionadas enquanto embalavam a droga.

— Mas, por que isso? — perguntou Paulo.

— Acredito que para melhorar o cheiro e também dar um gostinho diferente. Não deixa ou reduz o mau hálito. Isso é um grande mercado! Além disso, a folha de hortelã ou outras ervas que dão aroma podem disfarçar para que os clientes não percebam que a droga está muito misturada. A coisa é bem pensada, meu caro.

— Realmente, um grande comércio. Por isso que alguns jovens se encantam com a possibilidade de trabalhar no tráfico, né? Ganham a vida fácil.

— Nem tão fácil assim, Paulo. Eles arriscam suas vidas, comprometem seus futuros. Os jovens que trabalham no tráfico também precisam de orientação. Exatamente por isso que o esclarecimento da juventude é tão necessário.

— Tem razão, Marcos. Não havia pensado dessa forma.

— É importante levarmos essas questões e esses debates para a escola, permitir que os jovens se manifestem, troquem informações e reflitam sobre seus projetos de vida. Um jovem com 16 anos já vota. Mas, o quanto ele é capaz de votar e reconhecer seus direitos e deveres de cidadão? O quanto nossos jovens são capazes de conversar sobre a legalização da maconha ou de outras drogas, por exemplo? Será que são adestrados para o proibicionismo e para a guerra às drogas ou são capazes de avaliar os impactos de nosso depreciativo sistema carcerário, por exemplo? Onde ficam as questões sociais? São muitos aspectos reais e emergentes que precisamos conversar. Penso que é papel da escola e, especialmente dos professores, educar nossos jovens para serem críticos e participantes na sociedade.

E não para fugir de debates essenciais. O conhecer e o decidir não podem estar nas mãos de uma minoria.

— Engraçado você falar isso, Marcos. Acho que algumas famílias jamais terão esse papo aberto com seus filhos. Eu mesmo ainda tenho receios. Não sei se é porque eu conheço pouco do assunto ou se tenho medo. Talvez uma mistura dos dois. É aí que a escola pode ajudar. Acaba sendo um desafio na orientação dessa garotada. Vejo isso comigo mesmo. Achava que falar sobre o assunto poderia ser pior. Que era melhor fazer vista grossa.

— Paulo, a escola pode ajudar. Mas, essa não é uma responsabilidade apenas dela. A educação vai além dos muros da escola. Mas, se a família não é preparada para tal e tem uma visão distorcida dos fatos, pode ser muito mais rígida do que seja necessário. Você mesmo comentou isso em relação ao seu filho mais velho, concorda? Deveria ser um trabalho conjunto. E você hoje aqui mostra um bom exemplo disso.

Ouvindo o que Marcos colocava, Paulo lembrava da história da adição da hortelã na maconha e retomou o assunto:

— De vez em quando eu vejo uns ou outros fumando um cigarro com cheirinho de menta por aí. Será que ali tem maconha também?

— Não posso te afirmar, mas esses cigarros perfumados são os cigarros de Bali, um estilo mais aromático. Nunca ouvi falar em ter maconha misturada neles. Mas sei que em Portugal e em outros países é muito comum venderem uma mistura de maconha e tabaco juntos.

Enquanto falava sobre o cigarro de Bali, Marcos pensava em uma situação que ocorrera com sua mãe ano passado e de como as pessoas se equivocam sobre as drogas. Lembrou que havia levado sua mãe para a praia. Chegando lá, sua mãe percebeu um cheiro estranho. Ela olhou para os lados e sussurrou no ouvido de Marcos que alguém estava fumando maconha ali perto. Marcos olhou para os lados e não viu nada. Não havia ninguém na praia, apenas eles dois em um raio de 300 metros. Marcos levantou, deu uma olhada em torno. Apenas um vendedor de queijo coalho vinha em sua direção.

Comentando essa situação com Paulo, ele perguntou:

— Mas, como sua mãe sentiu o cheiro se não havia ninguém fumando?

— Pois é. Ela sentia o cheiro do “orégano” queimado na brasa em cima do queijo. Pode isso? Levei mais de meia hora para explicar a ela que o cheiro queimado era de orégano e não de maconha. Você acredita?!

Marcos e Paulo gargalhavam. Ambos gostavam daquela interação. Era um encontro divertido, diferente. O intuito não era falar mal ou bem de um aluno, nem criticar o trabalho do professor. A conversa girava em torno de como um pai poderia conhecer mais sobre um tipo de droga que, em princípio, o deixava aflito. Paulo percebia que, conversar sobre drogas não precisa ser algo doloroso. Pode, do contrário, ser algo bem divertido. Mas, será que a maconha era mesmo uma droga? Ou era apenas uma planta? Marcos pensava, maliciosamente, em como Paulo responderia a essas perguntas.



---

QUARTO MOMENTO:  
**MÁ(CONHA)  
OU BOA(CONHA)?**

---

Antes que Marcos pudesse perguntar a Paulo se a maconha era uma planta ou uma droga, o pai de Gabriel pareceu prever a pergunta do professor. Como um guepardo sorrateiro, Paulo tascou uma sinuca de bico:

— Como Deus permite que uma planta, que destrói o cérebro, brote da terra? Isso é difícil de entender.

— Difícil, por que Paulo? A natureza produz muitas coisas. Deus está na natureza. Nós somos a natureza. Desde alimentos a outros produtos de origem animal e vegetal, tiramos dela a nossa subsistência. O uso que fazemos deles é uma escolha nossa. Se você come uma fruta em excesso ou carne demais você pode ter consequências disso.

Marcos complementou:

— Há uma grande diferença entre fazer uso de algo e fazer uso em excesso. Consequências existem em tudo que fazemos na vida. Se você faz muita musculação, pode ter consequências; se você faz muito sexo ou usa muito um determinado medicamento, também pode ter consequências. Com o uso da maconha, do cigarro, do álcool e de outras drogas não seria diferente. Somos nós que escolhemos o que colocamos em nosso corpo. A culpa não é da planta e nem das drogas. Elas não decidem. A decisão é nossa! É o ser humano que usa a

droga, não a droga que nos usa. Culpar a natureza não é a caminho mais justo, eu diria.

— Bem... olhando por esse lado... — consentiu Paulo.

— Provavelmente, você já ouviu muita coisa sobre a maconha, especialmente pelos seus colegas e seus pais. O discurso de que o usuário de maconha fica com o cérebro destruído e fica maluco depois de certo tempo é bem comum. Mas até que ponto isso é real? Por um lado, as informações até têm um fundo de verdade, mas a maioria é bem alarmista. A meu ver, o maior problema são as informações inconsistentes.

— Então você quer dizer que a maconha não faz mal?

— Paulo, não disse isso. Ao contrário: *tudo* em excesso traz um dano. Isso é inevitável. Esse é o primeiro ponto sobre as drogas. Mas, trazer um dano não quer dizer que o uso da *Cannabis*, uma vez ou outra, matará uma pessoa. Isso é outra coisa, concorda?

— Você disse *Cannabis*. É outro tipo de maconha?

— Não. *Cannabis* e maconha são sinônimos. Nos países de língua espanhola, ela também é conhecida como Marijuana. *Cannabis* é o nome científico, o nome do gênero dessas plantas.

— Plantas? Então há mais de um tipo de maconha?

— Exatamente. Atualmente falamos em três variedades de *Cannabis*: a *Cannabis sativa*, a *Cannabis indica* e a *Cannabis ruderalis*. Nomes estranhos, né? Estão em latim, a língua usada para escrever os nomes científicos. Essas plantas não são nativas. Elas vieram de fora. São plantas de origem asiática, plantadas principalmente no Centro e Sul da Ásia.

— Ela se espalhou rapidinho pelo planeta?

— Nem tão rápido assim. Foram séculos e séculos de uso. O mais curioso, Paulo, é que a maconha não tinha apenas a função recreativa. Ao contrário, fornecia óleo de suas sementes comestíveis e era também utilizada como forragem para o gado. Até as velas das embarcações que chegaram no Brasil eram feitas das fibras da planta. Acredita?! Um colega meu, professor de história, que me contou. Achei o máximo! Quanta história há nas drogas!

Paulo, envolto em tantas informações, perguntou a Marcos:

— O uso da maconha é muito mais antigo do que se pensa, então?

— Nossa, Paulo, põe antigo nisso! Para você ter ideia, me parece que o seu uso no tratamento de doenças já era datado desde 2700 antes de Cristo. Sendo fumada ou ingerida por meio de chás e infusões, fazia parte de bebidas e eram ministradas por curandeiros e outros líderes religiosos africanos. Alguns dizem que os escravos libertos, retornando da África, traziam sementes de maconha escondidas dentro de bonecas de pano, para que não pudessem ser encontradas ao chegar aos portos brasileiros.

— Bom, seria um caminho difícil de ser encontrado, realmente. Mas, os donos dos escravos deixavam eles usarem a maconha?

— Olha Paulo, embora pareça contraditório, nem todos os senhores de engenho eram contra o uso da maconha pelos negros. Alguns deles permitiam que os escravos tivessem essas plantações no meio dos canaviais. Assim, suportavam

a tristeza de serem escravizados, longe de sua pátria. E esse uso foi começando a ficar bem popular. Nessa época, a maconha era usada como planta medicinal no Brasil. A maconha era usada para muita coisa: dores de dente, asma, glaucoma, crises epiléticas e até as dores do parto. Era praticamente um elixir dos Deuses.

Marcos observava Paulo, perplexo com tantas informações e, ao mesmo tempo, entusiasmado com tanta novidade sobre a planta. Tentava entender como tantas coisas interessantes sobre a planta não eram faladas e o porquê de apenas o lado ruim da maconha ser evidenciado.

— O que tem, na realidade, na planta, que deixa a pessoa fora de si? Isso que não entendo! Da forma como você fala, não me parece que a maconha seja uma planta que faça só mal. Me parece que ela tem coisas boas também.

— Sim, Paulo. E tem! Para você entender melhor: a *Cannabis*, a maconha, não é uma droga. Ela é uma planta. Mas, em suas folhas e flores existem substâncias que vão mexer com o nosso cérebro. Essas substâncias são as “drogas” da maconha. Existem muitas drogas ali, mas as mais faladas são o THC e o CBD. Nem vou falar o significado, porque o nome é grande. Mas, vou te dizer que o THC é a droga que dá a sensação do “barato” que os adolescentes gostam. É essa droga que faz a pessoa sentir um bem-estar, uma sensação de tranquilidade, ficando à vontade para falar sobre qualquer assunto. O THC faz a pessoa ficar desinibida. A pessoa fica com vontade de rir, fica mais leve. Em geral, a pessoa se desliga do tempo e do espaço.

— E a outra droga, o CBD?

— Ah, sim! O CBD já tem outra função. Ele está relacionado com o alívio do enjoo e mal-estar relacionados a algumas doenças. Lembra da história do uso da maconha medicinal? Isso acontece principalmente devido a essa droga. O CBD pode ser usada como analgésico e reduzir bastante a pressão dentro do olho e a produção de lágrimas em pessoas com glaucoma.

— Então, é como se uma droga da maconha fosse mais medicinal e a outra deixasse a pessoa mais violenta?

— Violenta? Como assim?

— Sim, com olhos vermelhos, nervosa?

— Pelo contrário, Paulo. O THC deixa a pessoa bem lenta e tranquila. O que fica acelerado um pouquinho é o coração. É difícil provar a relação entre os usuários da maconha e o aumento da agressividade no comportamento de quem fuma. Se pensarmos bem, as concentrações de THC no sangue causam sensação de relaxamento e bem-estar, como conversamos. E isso deixa a pessoa mais lenta e não agitada e agressiva. Nesse caso, a associação que pode ser feita entre maconha e criminalidade acaba acontecendo porque costuma ocorrer uma associação com o seu uso ilegal. Eu não conheço ninguém que tenha usado maconha e tenha ficado violento. Você conhece? Já presenciou isso?

— De fato, pensando assim, não conheço ninguém agressivo. Estranho como colocamos uma ideia em nossa cabeça do nada, não é?

— Na realidade, não é “do nada”. Esses pensamentos são compartilhados com a gente culturalmente. A partir das experiências de outras pessoas, do que falam na televisão, do

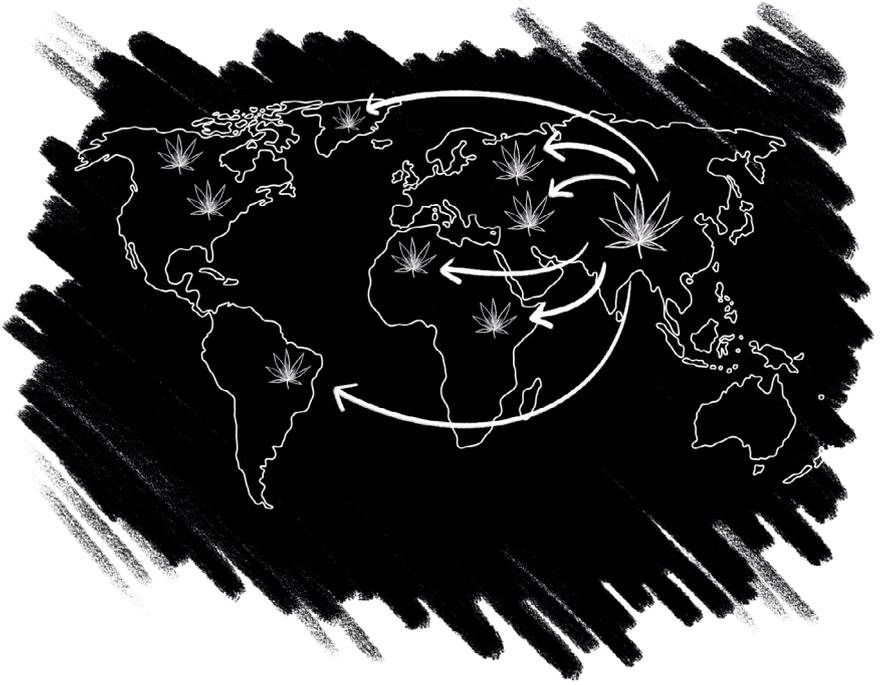
que falam nossos pais, do que divulgam nas redes sociais etc. Somos bombardeados com tanta informação, que ficamos confusos e preferimos aceitar a informação que achamos que nos protegerá mais. Mas será que todas são reais? Lembra o que conversamos no início, sobre os equívocos? É por aí.

Marcos complementou:

— Obviamente, uma pessoa que fuma maconha, assim como alguém que bebe álcool, tem uma alteração momentânea de parte de sua coordenação nervosa. Por isso, não é adequado que uma pessoa que tenha fumado ou bebido conduza um veículo. Esse tipo de papo é muito importante com os adolescentes. Alguns jovens conduzem motos e outros veículos, ainda que ilegalmente. E essa precaução é importante não só para eles, como para os demais. Prevenir acidentes é fundamental.

Marcos percebia que Paulo começava a questionar suas próprias ideias e isso seria importante para que aquele pai conseguisse conversar sem tabus e medo com os seus filhos. Enquanto escutava o professor, Paulo pensava nas comparações que ouviu ao longo da vida, de que a maconha é mais nociva que o cigarro, que maconha mata, que a pessoa que usa maconha é agressiva, que a garotada que usa maconha se tornará vagabunda etc. Será que isso seria para todos? Por que, por anos, na história do Brasil, a maconha teria sido usada como produto medicinal e, atualmente, era vista como uma maldição? Olhando para Marcos, Paulo perguntou:

— Nesse embate de condenação e uso medicinal, quem vence a Guerra?



---

## FECHANDO (5) A HISTÓRIA: **ENFIM, MEDO OU DESINFORMAÇÃO? QUEM GANHA A 'GUERRA,?**

---

*“Guerra”!* Essa foi a palavra que Paulo usou.

Curiosamente, Marcos não ficou chocado com o termo. Esperava que esse discurso de guerra às drogas atingisse as famílias. Afinal, é isso que as mídias divulgam. A droga é a culpada. A droga é a responsável pela morte de pessoas inocentes. A droga é isso, é aquilo! Marcos se questionava onde ficam as pessoas nessa história. Afinal, “são as pessoas que usam drogas”, costumava dizer. Por vezes, parece que a droga é um ser de outro mundo que invade a Terra para aniquilar os terráqueos. Mas, até que ponto isso seria real ou seria uma forma mais fácil de tirar a culpa dos seres humanos, de justificar a guerra travada com as drogas há séculos?

Na cabeça de Marcos, ele cogitou que não haveria como escapar de tanta violência em torno do debate. Isso era algo que se estabelecia há anos. Algo histórico e mundial. Ao mesmo tempo, reconheceu a iniciativa de Paulo em buscar orientação para conversar com sua família, sem se alienar pelos discursos proibitivos sensacionalistas. Olhando para a feição de curiosidade de Paulo, ele tentava quantificar quantos pais de alunos — ao longo de todos esses anos de magistério — ele lembrava de terem ido à escola para conhecer mais sobre o tema drogas ou qualquer assunto, na busca de conhecer mais

e poder dialogar com seus filhos. Para Marcos, em toda sua ironia, a atitude de Paulo era algo parecido com a passagem do cometa Halley próximo à Terra. Talvez não fosse vista novamente nessa geração. Que avanço, pensou Marcos, silenciosamente

Para Marcos, aquela conversa havia tomado um rumo diferente do que ele pensou que teria. De uma simples consulta, Paulo foi educado e trocou experiências importantes com o professor de seu filho. Uma relação de confiança se estabeleceu. Uma relação de indagações e de sensibilidade.

Paulo ouvia as palavras de Marcos e pensava em como as pessoas podem ter pensamentos tão diferentes sobre o mesmo assunto. Como as pessoas se preocupam tanto com seus filhos e seus familiares que deixam de averiguar se a informação faz sentido e reproduzem falácias. Acham que todo o jovem que experimentar um baseado ou beber um copo de cerveja com os amigos vai se tornar um “viciado”. Nessa ocasião, pensou em como essa palavra era feia e carregava uma ideia triste e reprimível, que causava vergonha. A ideia de um filho se tornar um viciado talvez assustasse mais aos pais do que o próprio vício, pensou Paulo.

Paralelamente, Paulo pensava nos comentários de sua irmã, que morava no Rio de Janeiro. Lembrou das palavras dela ao dizer que os usuários de crack — os “cracudos” — que moravam perto de sua casa, deveriam morrer. Suas palavras eram certas ao considerá-los como viciados e bandidos. Paulo pensou em quantas vezes concordou com a sua irmã sem sequer ter conversado com um usuário de crack antes. Quem eram essas pessoas? Por que estariam ali? Por que temos tanto medo delas? De imediato, pensou em como ouvir o que o

outro pensa pode ser um caminho importante para sabermos o porquê de uma pessoa buscar algum tipo de droga. Isolar uma pessoa do mundo e a enxergar como um monstro nada ajuda, pensou ele.

Questionando a si mesmo, Paulo tentava entender as várias origens do seu medo. Aprendeu pelo medo e assim o propagava. Entretanto, começava a perceber que havia outros caminhos mais sensíveis por meio do diálogo, sem o preconceito e a segregação que alimentavam uma pedagogia da violência.

Marcos sabia que a ideia da dependência era um medo comum dos pais e não seria diferente com Paulo. Marcos pensou em questionar se um uso ou outro de baseado pelo Gabriel seria um problema. Mas preferiu não entrar com essa questão. No entanto, comentou:

— Paulo, consumir uma droga não quer dizer abusar dela. Não se pode generalizar. Há pessoas que experimentam uma vez ou outra. Há quem use como lazer ou para afogar as mágoas do cotidiano. Há inclusive quem prefira não usar. No caso da maconha, nem todas as pessoas têm os mesmos desejos e reações quando a consomem. Obviamente, não podemos descartar que a repetição compulsiva pode ser um problema, principalmente se o jovem não tem motivações ou aspirações na vida. Gabriel e outros jovens da escola têm perspectivas excelentes. São engajados e acreditam em si. Ainda que fumem algo uma vez ou outra, não entenda isso com uma compulsão ou um vício. Não pense dessa forma. Conversar e dar a liberdade do adolescente se pronunciar é uma estratégia importante, que aumenta os vínculos de confiança. Eu, particularmente, não o

isolaria dos outros colegas, principalmente amigos que ele tem confiança. Conversar e orientar é a melhor forma de proteger contra danos mais severos!

Marcos continuou:

— Ser um cidadão demanda de muitas habilidades... — disse Marcos. — Uma delas é ser capaz de intervir no mundo onde se vive, de forma harmônica e buscando a paz entre os seres. A paz é uma palavra-chave para a sobrevivência humana. Conhecer, explorar diferentes pontos de vista e, sobretudo, respeitá-los, é um grande desafio.

Paulo apreciava as palavras de Marcos e refletia sobre como a formação pode influenciar na vida de uma pessoa. Como um professor que teve decepções familiares e desafetos com seus pais poderia ser tão acolhedor e colocar tantas questões. Recebeu, naquelas horas, uma aula e, de alguma forma, evidenciou a qualidade humana daquele professor. Olhando para Marcos, Paulo enfatizou:

— Você tem razão Marcos. Até que ponto realmente desejamos a paz e queremos que os outros a busquem? É uma questão que todos deveríamos pensar. Brigas, desavenças e guerras surgem da falta de compreensão do outro. Por que guerrear, se podemos conversar?

Marcos continuou:

— A forma que lidamos com as drogas, sobretudo com o entendimento da maconha, é um bom exemplo disso. Fazemos um furdunço em cima da maconha, como se ela fosse levar todas as crianças para a perdição. Para mim, Paulo, a falta de diálogo gerada pelo medo de conversar sobre o assunto talvez dificulte

mais o entendimento dessas questões. Daí, os jovens buscam a informação no lugar errado. A falta de laços de confiança, na minha opinião, é um dos problemas.

Paulo assimilava tais palavras e imaginava como seria um papo com Gabriel, sem imposição ou palavras ásperas. Talvez Gabriel tivesse outras coisas interessantes a contar. Paulo pensou na cara do seu filho quando soubesse que ele foi à escola para saber mais sobre o assunto e perguntou:

— Será que o Gabriel ficaria zangado ou acharia engraçado se soubesse que eu vim à escola conversar com você?

— Não acho que ele ficará zangado. Pelo o que eu conheço do Gabriel, curioso como ele só, ele vai é querer saber as coisas que conversamos. Acredite! E acho que vocês terão longas horas de papo, como a gente.

Antes que Paulo respondesse, Marcos completou:

— Fique à vontade para decidir. Mostrar para o seu filho que você veio na busca de entender mais sobre o assunto para não ser injusto e não puni-lo, para mim é algo admirável. Talvez ele deva saber disso. Não acha?

— Tem razão. Afinal, um ensina ao outro.

— Exatamente, Paulo! Onde a desinformação começa, a decisão “equivocada” termina.

Paulo abriu um sorriso no rosto e se levantou. Ergueu os braços e deu um grande abraço naquele professor, dizendo:

— Marcos, obrigado por dispensar o seu tempo para conversar comigo. Nem sei dizer o quanto esse nosso bate-papo me

esclareceu. Nunca fiquei tanto tempo em uma aula com um professor. O tempo passa e a gente nem percebe.

Marcos, complementou:

— Quando conversamos abertamente, Paulo, a coisa flui e não sentimos vontade de ir embora, não é verdade? Sempre falo isso com a garotada.

— Não é de se admirar que o Gabriel e os colegas dele falem tanto de você. Além de educar os filhos, ainda dedica seu tempo para os pais.

— Disponha, Paulo! O esclarecimento é a arma para a proteção. Aliás, arma não! A palavra “arma” atribui mais violência ao assunto. Melhor dizendo, o esclarecimento é o caminho para a proteção. Mas, penso que você esteja a par disso agora.

Paulo se foi.

Partiu com um sorriso no rosto e com a certeza de que a escola não era apenas um lugar para se estudar conteúdos formais. Depois daquele dia, a escola e, especialmente, a experiência e o carinho daquele professor de matemática, o ajudaram a ter um outro olhar do mundo. Um olhar mais amistoso com as pessoas. Um olhar mais próximo do acolhimento e mais distante da segregação. Um olhar mais preocupado em ouvir, ao invés de julgar.

O conhecimento teria vencido o medo? Vá saber! Mas uma coisa é certa: Paulo tinha saído daquele bate-papo com novos pensamentos e argumentos sobre o consumo de drogas, especialmente sobre a maconha.

Talvez aquela troca de sorrisos tenha selado um laço de admiração e carinho, de ambas as partes. De Paulo, por perceber o acolhimento de Marcos por orientá-lo. De Marcos, por perceber o interesse de Paulo em aprender e a conhecer mais sobre o assunto.

No fundo, Marcos sabia que haveria grandes possibilidades de Paulo levar aquele bate-papo para sua casa e dialogar com seus filhos de forma pacífica e sem repressão. Talvez o medo começasse a se desfazer. Paulo parecia entender que existiam outros caminhos para proteger seus filhos, que não o caminho da proibição e do amedrontamento.

Já era quase o final do turno da tarde. Marcos havia percebido como o tempo havia passado rápido. Ele passou praticamente toda a tarde com Paulo, sem se dar conta. O relógio marcava 16 horas. Quatro horas se passaram e nem Paulo, nem Marcos deram conta de quanto tempo haviam passado juntos.

O Sol, ainda radiante, pedia um bom mergulho no mar. Os amigos de Marcos o aguardavam. Enquanto fechava a sala, percebeu que havia inúmeras mensagens de seus amigos em seu celular, dizendo que o esperavam. Sem querer, Marcos deu um baita “bolo” no pessoal. Foi um bolo justificável. Uma situação atípica, um bate-papo esclarecedor e uma relação familiar mais saudável na casa de um aluno que ele admirava. As trocas de sorriso, o haviam feito, literalmente, ter ganhado o dia!



## **SOBRE O AUTOR**

---

**Francisco Coelho** é doutor em Ensino em Biociências e Saúde pelo IOC/Fiocruz. É professor da Educação Básica e idealizador/coordenador de cursos sobre drogas para professores na Fundação CECIERJ. Pesquisador do campo de Educação sobre Drogas no GIEESAA/UFRJ/UERJ e no GPED/



UERJ. Membro da Associação Brasileira Multidisciplinar de Estudos sobre Drogas (ABRAMD) e representante da ABRAMD Educação Rio. Autor do livro “Educação sobre Drogas e Formação de professores: uma proposta centrada na Redução de Danos”.

[www.educacaosobredrogas.com.br](http://www.educacaosobredrogas.com.br)

O que é o medo? Certamente é algo que mexe conosco. Sejam adolescentes ou adultos, por vezes ele nos aprisiona. Chega sorrateiro e se instala. Ele nos faz de refém. Ele nos inibe. E o mais perspicaz de seus disfarces: pode nos afastar do conhecimento. Assim, se deixamos de conhecer, podemos nos tornar receosos para conversar sobre alguns assuntos que fazem parte da vida dos jovens. O tema “drogas” é um bom exemplo. O medo faz você ter “medo” de conversar sobre drogas, por exemplo. Alguns preferirão evitar o papo. Talvez, como forma de proteção. Mas, será que ignorar o assunto, de fato, protege? Ou ele apenas nos aterroriza? Será que conversar sobre a maconha e outras drogas não seria um ato de cuidado e proteção, que nos libertaria dos preconceitos e dos equívocos naturalizados em nossa sociedade? A conversa entre Paulo, pai de Gabriel, e Marcos, um professor bem informado, revela como a interação entre os pais e professores pode ser divertida e acolhedora. Será que os pais também aprendem na escola? Será que a informação pode reduzir o medo que os pais têm de falar sobre alguns assuntos? Que tal descobrir isso nas páginas desta obra? Boa leitura e boas reflexões!



aeditora.com.br